

» Os feminicidas: O mal-estar que nos habita

O feminicídio é o último ato de uma cadeia de violência contra as mulheres, cuja motivação manifesta é o controle ou a submissão da vítima. As definições sociológicas e jurídicas situam o feminicídio como parte do amplo campo da violência de gênero que encontra suas raízes no patriarcado. No entanto, como afirma Marcelo Viñar (2013), “o mundo é muito complexo para um só narrador”.

O que pode dizer a psicanálise sobre o feminicídio? Para abordar esta questão, discutiremos um caso de feminicídio enquadrando-o na crise da masculinidade e agregando contribuições psicanalíticas do campo da criminologia.

Patriarcado, mandatos de gênero e crise de masculinidade

O feminicídio foi abordado a partir dos estudos de gênero e da teoria feminista, tomando o conceito de patriarcado como

elemento central. O patriarcado, longe de ser uma estrutura fixa, é uma organização do campo simbólico que consolida e retém os símbolos pelos quais circula o sujeito. Opera de maneira inconsciente, ordenando os afetos e designando valores entre os personagens da cena social interiorizada. Essa cena não pode ser revelada pelas tentativas de objetivação das ciências sociais (Segato, 2003).

Em *Psicologia de grupo e a análise do Ego*, Freud (1921/2007)¹ indica como operam os mandatos sobre o sujeito, superando a polaridade psicologia individual/psicologia social. O mandato se infiltra de forma inconsciente no sujeito que o assume como um ato motivado a partir de seu interior ou por decisão própria, tornando-o altamente eficiente como medida de controle social (Bordieu, citado em Segato, 2003). O paradoxo do mandato é que funciona como continente (sustenta e produz sentidos), ao mesmo tempo que é vivido

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. *Psicologia de grupo e a análise do Ego* é um texto prévio a *O Ego e o Id* (1923/1992), no qual Freud irá propor sua segunda tópica. Somente em 1923, o Superego entrará no vocabulário psicanalítico. O superego é uma instância posterior ao surgimento do eu ideal em termos do desenvolvimento infantil. O eu ideal e o ideal do eu correspondem ao funcionamento narcisista e posteriormente, na fase fálica, surgirá o superego que alojará o eu ideal e o ideal do eu, incorporando os mandatos ao funcionamento neurótico.

como elemento estrangeiro que domina o eu. Como estabeleceu Freud (1921/2007), o pertencimento ao grupo se sustenta a partir de um ideal comum que se aloja no lugar do eu ideal¹ e posteriormente no superego e no ego. Assim, os mandatos de gênero enquanto mandatos culturais se encontrariam precocemente alojados formando as bases da identidade do sujeito. A partir dessa instância inconsciente influem como imperativos. Os homens feminicidas nos permitem observar essas complexas relações entre mandatos fixados no eu ideal e um superego que não conseguiu interiorizar a lei edípica.

Compreendemos os feminicídios como sinal de uma crise de masculinidade pelo poder que as mulheres vêm adquirindo. Trata-se de um processo de várias décadas, alimentado pelos movimentos feministas, as teorias e as novas identidades de gênero. Essa crise se inicia no contexto das reformas neoliberais. O capital financeiro enfraqueceu a potência restritiva da lei, e o consumo e o prazer surgem como exigência superegoica, (Lewkowicz, 2003, citado em Bibbó, 2019). Surgem sentimentos de vazio e anomia que enfraquecem o enlace simbólico entre os semelhantes. O “dinheiro-potência” toma o lugar privilegiado do “pênis-potência” (Bleichmar, 2006/2007).

Como resultado deste excesso de desigualdade, o desamparo (*Hilflosigkeit*) já não pode operar como motor do desejo. Produz-se uma excessiva distância entre as possibilidades do sujeito e os mandatos necessários para ser e pertencer (Bibbó, 2019).

Para Bleichmar (2008/2010), é necessário repensar o “mal-estar na cultura” como “mal-estar desmedido”: um excesso de mal-estar pela frustração da cultura que exclui também a seus incluídos.

O feminicídio como ato em busca de palavra

A clínica com pacientes narcisistas, *borderline* e criminosos mostra que as condutas são portadoras de desejos, fantasias que buscam encontrar palavras. Sentimentos

insuportáveis de vergonha e humilhação se encontram na base das condutas violentas (Gilligan, 2009).

Para James Gilligan (2011), a psicanálise contribui para o estudo da violência a partir de: 1) A conduta violenta mais irracional pode adquirir significado psicológico caso se consiga escutar seriamente a pessoa. 2) A compreensão do aspecto compulsivo e incontrolável do ato violento requer interpretar o conteúdo inconsciente. 3) Toda conduta deve ser compreendida em relação com a história do sujeito, mas não se trata apenas das experiências passadas na infância, mas também de sua associação com fenômenos históricos, culturais e econômicos tais como raça, gênero e classe social.

A partir do enquadre psicanalítico, Campbell (2011) define a violência como uma reação defensiva frente a qualquer elemento que coloque em perigo a homeostase física ou psicológica, incluindo o equilíbrio narcisista. Seu objetivo é eliminar a fonte de perigo. Para isso, despoja-se o outro de qualquer valor, salvo sua periculosidade. Assim, por exemplo, se o olhar do outro é considerado perigoso, o sujeito atacará os olhos sem piedade. Esse tipo particular de violência (*ruthless aggression*) é parte do desenvolvimento do infante. Sua possibilidade de integrá-la como uma parte do *self* depende de poder exercer esta agressão na presença de adultos que possam contê-la. Quando esta função falha, “a criança só pode esconder seu *self* impiedoso e dar-lhe vida em um estado de dissociação”² (Winnicott, 1947/1969, p. 69).

Um caso

Juan Carlos Hernández (JCH) é conhecido como o Monstro de Ecatepec pelos vinte feminicídios dos quais assume a culpa. “É mil vezes melhor que comam os cachorrinhos e os ratos do que que elas continuem caminhando por aí” (Hernández, citado em de Mauleón, 10 de outubro de 2018, par. 5). Chamá-lo de *monstro* o desumaniza projetando o mal que nos habita. Frente a isso, a tarefa psicanalítica é recuperar o

2. N.do T.: Tradução livre.



↑
Humanidad de los objetos
 Hugo Aveta

sujeito-semelhante.

Em sua entrevista com o promotor declarou soluçando que buscava se vingar por ter sido abandonado pela sua companheira. “Se eu não fui feliz, ninguém o será”. Como aponta Gilligan (2011), para decifrar os significados da conduta violenta é preciso escutar seriamente. JCH fala do terror gerado pelo abandono. Lembra-se que quando era menino, sua mãe o obrigava a se vestir como mulher e que foi abusado pela mulher que dele cuidava enquanto sua mãe “saía para a putaria”. De seu pai, diz que era trabalhador, que quis ajudá-lo, mas não pôde.

Voltando a Campbell (2011), vemos a ruptura de um precário equilíbrio narcisista que tem sua origem nas falhas dos proces-

sos de construção de identidade masculina. JHC experimentaria a falta de controle sobre os sujeitos femininos como angústia de morte e atacaria para se defender. Trata-se de posições muito primárias da identidade masculina. Ao mesmo tempo, existe em seu relato um elemento pulsional: a transformação da libido em agressão destrutiva (Peña, 2003). O vínculo com a mãe é sexual e violento desde o início. A figura ausente e debilitada do pai não lhe permite encontrar um terceiro que o resgate do aprisionamento sedutor/violento com a figura materna. Dessa forma, JCH não pôde aceder a uma legalidade no sentido ético, sua “lei” é própria. “O que faço está bem patrão, porque estou apenas limpando o mundo de porca-

rias” (Hernández, citado em de Mauleón, 10 de outubro de 2018, par. 9).

Nito (2019) analisa este caso a partir de uma leitura kleiniana e propõe que a compulsiva destrutividade psicótica responde a um superego cruel. Sua violência se apoia na ideia delirante da mulher como fonte do mal e o homem como salvador. A partir do modelo de Segato (2003), interpretamos esta violência como mensagem a outros homens para resgatar seu status ameaçado. Mas a crueldade do feminicídio, sua irracionalidade não consegue ser capturada pelas lógicas políticas, já que estes mandatos são gatilho para violência, não a partir do eu, mas fixados no eu ideal, articulando a partir dali defesas muito primitivas que criam um verdadeiro curto-circuito entre ação, palavra e afeto, o que origina o ato violento.

Conclusão

O que é feminicídio para a psicanálise? A resposta seria que é um sintoma, não apenas do sofrimento de um indivíduo, mas também de um mal-estar na sociedade. Em palavras de Bleichmar (2008/2010), sintoma do “mal-estar desmedido”. Para tecer uma trama que enlace as lógicas políticas e psicológicas condensadas em seu ato violento, os feminicidas devem ser escutados em sua singularidade.

A partir da psicanálise encontramos novos sentidos para sair da imagem de monstros e reconhecê-los como seres humanos. O conhecimento sobre a psicodinâmica subjacente nos feminicidas permite reconhecer que seu ato traduz um sofrimento, como vimos em JHC. A violência justificada como ato de limpeza dá conta do superego primitivo e cruel que sustenta seu sintoma. Até aqui a clínica pareceria não necessitar de mais subsídios. No entanto, JCH não ataca mães perversas, ele justifica seus assassinatos pelo abandono de sua companheira. O mandato masculino de poder sobre as mulheres, alojado no eu ideal, opera com a tirania pulsional do id. O que permanece inconsciente para JCH é que, em cada morte, ele assassina não apenas sua companheira, mas também a mãe que o deixou no desamparo. Assassina o femi-

nino nele, seguindo o mandato patriarcal de repúdio ao feminino.

REFERÊNCIAS

- Bibbó, L. (2019). Delincuencia: Aporte al conocimiento de lo femenino. Em E. Ponce, e P. Alkolombre (comp.), *Violencias y subjetividad: Género, infancia y sociedad*. Buenos Aires: Cowap, Letra Viva, IPA.
- Bleichmar, S. (2007). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 2006).
- Bleichmar, S. (2010). *Violencia social-violencia escolar: De la puesta en límites a la construcción de legalidades*. Buenos Aires: Noveduc. (Trabalho original publicado em 2008).
- Campbell, W. (2011). The nature and function of aggression. Em P. Williams (ed.), *Aggression: From fantasy to action*. Londres: Karnac.
- Mauleón, H. de (10 de outubro de 2018). La confesión del asesino serial de Ecatepec. *El Universal*. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/columna/hector-de-mauleon/nacion/la-confesion-del-asesino-serial-de-ecatepec>
- Mauleón, H. de (11 de novembro de 2019). El monstruo de Ecatepec por dentro. *El Universal*. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/opinion/hector-de-mauleon/el-monstruo-de-ecatepec-por-dentro>
- Freud, S. (1992). El yo y el ello. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2007). Psicología de las masas y análisis del yo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 63-136). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).
- Gilligan, J. (2009). Sex, gender and violence: Estela Wellton's contribution to our understanding of the psychopathology of violence. *British Journal of Psychotherapy*, 25(2), 239-256.
- Gilligan, J. (2011). The interpretation of violence. Em P. Williams (ed), *Aggression: From fantasy to action*. Londres: Karnac.
- Nito, A. M. (2019). Tres escenas de conducta antisocial y sociopatía en México. *Sociedad Psicoanalítica de México* A. C. Disponível em: <https://spm.mx/tres-escenas-de-conducta-antisocial-y-sociopatía-en-méxico/>
- Peña, S. (2003). *Psicoanálisis de la corrupción*. Lima: Peisa.
- Segato, R. L. (2003). *Las estructuras elementales de la violencia: Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Buenos Aires: Prometeo, Universidad de Quilmes.
- Viñar, M. (2013). Avatares de la estructura familiar en el siglo XXI: La función paterna. *Declinación/ transformaciones. Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 117, 137-160.
- Winnicott, D. W. (1969). La haine dans le contretransfert. Em D. W. Winnicott, *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1947).